

Planejamentos mudam

por Mário de Santi
de Porto Alegre

21
Ao contrário do que se poderia prever, os empresários reunidos ontem no auditório da Embratel, em Porto Alegre, no "Repensando 82", não deixaram o encontro tão abatidos — apesar do tom cáustico das palestras proferidas. Na saída, com as fisionomias preocupadas, eles preferiram classificar as intervenções dos economistas como realistas. No começo do ano, elas poderiam até ser consideradas apocalípticas, admitiu um deles. Raul Tessari, diretor da Marcopolo, Carrocerias e Ônibus, explicou melhor o que ele chamou de um estado de espírito um tanto contraditório: "É claro que não ouvi exatamente o que gostaria de ouvir, mas fiquei satisfeito em confirmar teses que venho desenvolvendo dentro da empresa".

Sua satisfação se deve, basicamente, ao fato de que as contas refeitas e as modificações no planejamento do início do exercício encontraram o respaldo de opiniões abalizadas e de reconhecido peso no meio econômico. Algo parecido foi levantado pelo diretor da Randon, também de Caxias do Sul, Luiz de Moraes. "O objetivo, hoje em dia, é bem outro, estamos procurando safar-nos das dificuldades e sobreviver à crise que ainda deve ficar pior. Estamos-nos ajustando para sair com o menor número possível de arranhões e apurmar, quando a situação estiver sob controle."

Nenhum dos dois tem qualquer dúvida

de que virá mais recessão pela frente. O diretor financeiro do grupo Gerdau, Rui Lopes Filho, mostra-se assustado com as falências e concordatas de empresas de porte reconhecido, tanto no mercado interno quanto no externo. Um fator que preocupa e é visto como o preço a ser pago por quem não se ajustar às novas realidades. Nos debates do plenário, nos intervalos das palestras, os empresários mostravam-se ansiosos por saber o que poderá acontecer daqui por diante — especialmente quando o governo toma medidas de repercussão tão grave sobre os juros (pós-fixação), já antes das eleições, como lembrou Aléssio Ughini, diretor-presidente da Macroatacado Ughini. Ele, como o diretor da J. H. Santos, Flávio Araújo Santos, não tinha ainda chegado a uma conclusão de como se comportarão as vendas a crédito daqui por diante.

Todos eles mudaram suas estimativas de início de exercício, quando acreditavam em uma inflação de 80 a 85%. Os números, variáveis entre 100 e 114%, revelados nas palestras dos economistas como estimativas factíveis para os índices inflacionários deste ano, não foram vistos com surpresa. "Assustadora foi a inflação de 8% em junho. Este, sim, foi um fator inesperado e provocador. Nem os 7% de correção das ORTN, já antecipados para o mês de setembro, foram tão arrasadores." No plenário, grande parte das perguntas recaiu sobre comportamento das taxas de juros, índices de inflação, política cambial e renegociação da dívida externa.